

A hermenêutica da origem do inconsciente na obra de Freud

Kenia Maria Ballvé Behr¹

RESUMO

Este artigo refere-se inicialmente a um estudo sobre o tema da hermenêutica do inconsciente freudiano, em que a autora busca validar a origem exógena do mesmo e sua importância para a compreensão da constituição psíquica, em contraposição a uma outra vertente em Freud em que inconsciente está no sujeito desde sempre. Na sequência tem-se um pós-scriptum, elaborado pela mesma autora a respeito do tema em que ela retoma o estado atual da questão, 30 anos depois, analisando os possíveis equívocos que podem ter impedido Freud de chegar mais longe em seus estudos a respeito. A retomada da teoria da sedução freudiana, por Jean Laplanche redundou em avanços que determinaram profundas alterações metapsicológicas na compreensão de fenômenos que estão na origem da constituição do sujeito psíquico e no centro das patologias de nossa época.

PALAVRAS-CHAVE: Hermenêutica; inconsciente; metapsicologia.

Refletir sobre o pensamento do outro não é uma tarefa fácil na medida que exige de quem se propõe a isso uma capacidade de perceber-se um

¹ Fundadora e Sócia e Membro do Corpo Docente da Constructo Instituição Psicanalítica, Editora da *Constructo Revista de Psicanálise*, Coordenadora do Seminário de Estudos Avançados em Jean Laplanche desde 2017.

Eu frente a um Tu, sendo necessário que se estabeleça uma autêntica relação de abertura para que o desconhecido, o outro, que surge no texto, possa ser percebido. E, ao ser percebido e interpretado, que possa ser exposto sem trair o pensamento do autor.

Se levar em conta o pensamento do outro é uma tarefa que requer um esforço importante do intérprete, muito mais difícil é dimensionar sobre um grande pensamento como o de Freud. A leitura desta obra tem que respeitar os avanços e retrocessos na elaboração científica deste pensador, situando as modificações de sentido que foram ocorrendo em seu tempo. Somente deste modo pode-se perceber a coerência na evolução de muitos dos conceitos que mantiveram uma imutabilidade em suas premissas de base em toda a obra, ao mesmo tempo que assegura a possibilidade de não negação das contradições que surgem no curso de seu desenvolvimento teórico. Contradições determinadas não por uma forma incoerente de pensar, mas sim pela complexidade do tema que Freud se propunha tratar e como consequência de um processo muito rico de pensamento como foi o seu.

Algumas contradições são encontradas em sua obra, por exemplo: se a origem do inconsciente é endógena ou exógena? Ou se a pulsão surge por inscrições do objeto sexual ou por delegação do somático no psíquico? O narcisismo tem sua origem no 'ato único' ou é equivalente ao autoerotismo? O Eu se estrutura por ligação de uma energia desligada ou se constitui pela ação da realidade no id?

No entanto, como diz Silvia Bleichmar (1987, p. 16),

“[...] nenhuma formulação freudiana deixa de ter razão de ser no interior da obra, nem aquelas com as quais não concordamos ou consideramos erradas; e é devido a isso que se faz necessário, (...), encontrar o movimento pelo qual sua presença é necessária

no interior do corpo teórico, mesmo que tenhamos que tomar partido, em certo momento, por um Freud contra outro Freud”.

Falar em Freud e em psicanálise é falar do inconsciente, o eixo central de sua teoria. Esse conceito se manteve igual ao longo da obra, mas não se pode dizer o mesmo no que se refere à origem do inconsciente. As oscilações de Freud nesse sentido deram margem a discussões sobre o tema, que se mantêm nos meios psicanalíticos tantos anos após sua morte. Contudo, as mais sérias consequências disso surgem na posição de algumas escolas que, ao tomar uma vertente da obra, insistem que é essa a “verdade freudiana”, sendo que a evolução do pensamento de Freud foi resultado de sua elaboração científica, constituindo um movimento que, longe de enredar a psicanálise nas contradições presentes em seu desenvolvimento, deixou condições de abertura necessárias que permitiram a continuidade da investigação da alma humana.

O sentido determinado por este trabalho foi a necessidade de revisar os principais textos freudianos que remetem à origem do inconsciente, a partir daquilo que está projetado nos textos.

Schleiermacher definiu a hermenêutica como uma arte de evitar o mal-entendido e a arte da interpretação. Gadamer (1992, p. 95) avançou um pouco mais nesse ponto, assinalando: “A arte de que se trata aqui é a arte do anúncio, a tradução, a explicação e a interpretação, incluindo a arte da compreensão que está subjacente e é requerida quando não está claro o sentido de algo”. Em relação ao processo de compreensão, Maceiras Fafián e Trebolle Barrera (1990, p. 57) expõem a proposição de Heidegger de que

[...] não existe outra “objetividade” senão a confirmação que um preconceito ou opinião prévia recebe ao confrontar-se com a “coisa”. Uma compreensão realizada desde uma consciência

metódica não pode aceitar como definitivas as antecipações de sentido que, diante do texto, vão a seu encontro, sendo necessário torná-las conscientes de significado, submetendo-as a um controle a partir da realidade do texto e, desse modo, adquirindo a melhor compreensão.

É impossível uma interpretação livre de prejuízos. Como afirma Gadamer (1993, p. 337), “por prejuízo quero dizer um juízo que se forma antes da convalidação definitiva de todos os momentos que são objetivamente determinantes”. O problema hermenêutico não consiste em eliminar o prejuízo. O que é mais importante é diferenciar entre prejuízos falsos e verdadeiros. “A precipitação é a fonte de equívocos que induz ao erro no uso da própria razão; a autoridade, por sua vez, é responsável de que não se chegue a empregar a própria razão. [...] O que se deve combater é a falsa inclinação pré-concebida em favor do antigo, das autoridades” (*ibid.*, p. 345). Deve-se fazer a distinção entre a autoridade como regressão a um estado de falta de uso da razão – como submetimento da razão à autoridade e ao dogma em favor de uma suposta ciência alheia revestida de um atributo de “poder” que não lhe corresponde – e a autoridade que se fundamenta em um ato de reconhecimento e de conhecimento. Segundo Gadamer (*ibid.*, p. 347), essa autoridade se adquire, não tendo nada a ver com obediência e, sim, com conhecimento.

Após estas considerações iniciais a respeito do processo hermenêutico, é hora de ir aos textos freudianos, efetuando um recorrido na obra para chegar a uma compreensão histórica da posição de Freud sobre a origem do inconsciente. Minha inserção em um presente que possui uma distância temporal dos escritos freudianos, me permite um conhecimento objetivo sobre o tema: o tempo é o fundamento que sustenta o fato no qual o presente tem suas raízes. Maceiras e Trebolle (1990. P. 65-66), ao discutirem as ideias de Gadamer, pontuam que a função hermenêutica da distância temporal

faz com que se dissolvam os prejuízos que se tornam inadequados à interpretação e permite que aflorem aqueles prejuízos que abrem caminhos de compreensão. Somente a passagem do tempo e um correto sentido de sua passagem permitem situar o texto em uma distância adequada, de modo que possa ser percebido em suas justas proporções, sem que sua proximidade cegue o olhar, nem que sua distância o faça perder de vista. [...] Esta interpretação somente é possível quando o problema se converteu em fato histórico, passou a fazer parte da tradição. Neste momento se obtém a perspectiva histórica necessária para uma correta compreensão. [...] A distância tem, então, uma função produtora de sentido, deixando aparecer o sentido verdadeiro relativo à realidade do objeto. A compreensão não cria o sentido; permite que o ser se manifeste como o que é e, precisamente, naquilo que o individualiza e o faz “outro”.

Em seu trabalho “Projeto de uma psicologia”, Freud (1895/1950) se interessava na ideia de construir uma ‘psicologia’ e descrever seus fenômenos psicopatológicos a partir de um método puramente neurológico. Explicava o comportamento normal e patológico pela via do estudo dos neurônios e de uma certa quantidade de energia física ou química que circulava no organismo. Ainda não existia um espaço para pensar processos anímicos inconscientes. Por meio desse texto, escrito em linguagem neurológica, Freud tenta explicar a razão de representações muito intensas observadas na histeria, tentando chegar nisso pela compreensão do modo como se estrutura a lembrança e o esquecimento. Na medida que avança em seu desenvolvimento teórico, chega às respostas relacionadas com os modos como são resolvidas as tensões às quais o organismo está submetido, tentando elaborar assim o modo de funcionamento do aparelho psíquico. Embora este texto esteja entre as publicações pré-psicanalíticas, considerado por Strachey (1977, p. 393) “uma obra inacabada, rejeitada por seu criador”,

ao ser lido atentamente, muitas vezes, por *après-coup* na leitura de textos escritos anos mais tarde, mostra que nele já estão muitas das ideias que persistiram por toda a obra e outras que, sofrendo algumas transformações, integram as principais bases da teoria psicanalítica.

Para entender a operação do aparelho psíquico, Freud propõe três sistemas de neurônios: de passagem, de ligação e de percepção, que implicam em modos de circulação de energia. Ao falar de estímulos endógenos que se originam de células do corpo e dos quais não se pode fugir, Freud estaria se referindo ao que mais tarde irá conceitualizar como pulsão. Seriam estímulos endógenos que teriam origem nas células do corpo e que determinariam as grandes necessidades como a fome, a respiração e a sexualidade, que somente cessam sob precisas condições que se realizam no mundo exterior: uma “ação específica”, como denominou Freud (1895/2025), que deve ocorrer, já que o indivíduo está sob o “aprêmio da vida”. Como a ação específica não pode ser efetivada inicialmente pelo organismo humano, surge a necessidade de que alguém, um semelhante, ao advertir o estado da criança, deva encarregar-se dessa função. Se o indivíduo que auxilia exerce o trabalho da ação específica no mundo exterior, o indivíduo desvalido, o bebê, é capaz de consumir no interior de seu corpo a operação requerida para cancelar o estímulo endógeno. O todo dessa experiência constitui, então, uma vivência de satisfação, que tem as mais profundas consequências para o desenvolvimento das funções do indivíduo (*ibid.*, p. 251).

O que se pode perceber na leitura deste texto é que Freud indica que o primeiro movimento para a constituição do psiquismo surge da necessidade, mas para isso é necessária a intervenção do semelhante para que algo se institua como satisfação. Quando refere que o todo constitui uma vivência de satisfação, inclui o semelhante na constituição do aparelho. Efetivamente Freud não se detém na figura real da mãe, porque seu interesse estava voltado para compreender como se estrutura esse aparelho. De qualquer modo, para Freud, neste artigo,

o histórico vivencial é fundamental para que ocorra a vivência de satisfação, o que dá início à fundação do psiquismo. Sem dúvida, uma origem exógena.

Na Carta 52, Freud (1977, p. 317) afirma que “nosso mecanismo psíquico se formou por um processo de estratificação: o material presente em forma de traços de memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias – a uma retranscrição. [...] a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos”. Freud está propondo, então, que o mecanismo psíquico se forma por estratificação, que nada se inscreve de uma só vez, que são inscrições múltiplas. O objeto real se inscreverá em múltiplas vezes e é decomposto de muitas maneiras, sendo que os registros correspondem a épocas diferentes da vida. No mesmo artigo, o autor define percepção, signos de percepção, inconsciência, pré-consciência e consciência (*ibid.*, p. 318). Quando fala de inconsciência ainda não se refere ao conceito de ‘inconsciente’, como fará em 1900 (Freud, 1900/2019). Mas deixa clara sua crença de que existe algo antes da inconsciência: os signos de percepção, que são transcritos na inconsciência e depois na pré-consciência. Isto parece mostrar que, para Freud, o que depois chamará inconsciente, não está desde o início, se constituindo como algo que deve ser instaurado. Por outro lado, sua ênfase nas marcas mnêmicas, nas inscrições que devem ser reordenadas, transcritas e retranscritas, parece mostrar a importância do histórico vivencial na constituição do aparelho psíquico.

No capítulo VII de “A interpretação dos sonhos”, Freud (*ibid.*) apresenta a primeira exposição extensa de suas concepções teóricas sobre a psicologia que desenvolvia. Incorporou nesse texto grande parte do conteúdo que descreveu em seu “Projeto de uma psicologia”, mas sem fazer uso das explicações neurológicas para os fatos psíquicos descritos neste momento, fazendo uma tradução em termos anímicos. Neste trabalho, ensinou pela primeira vez como entendia o trabalho do inconsciente, suas diferenças e as

relações de reciprocidade com outras partes do aparelho psíquico. Definiu mais claramente o que já vinha trabalhando em publicações anteriores a respeito de sua concepção do funcionamento do aparelho psíquico. Insistiu na existência de uma origem exógena dos elementos primeiros do inconsciente e disse que o inconsciente se constitui porque se inscreve algo que veio de fora. Essa energia que vem de fora, se transforma ao entrar no aparelho, circula entre determinados elementos, segue uma certa direção de recorridos e deve encontrar modos de tramitação e de retranscrição.

Sobre as inscrições das percepções que chegam a nós, em nosso aparelho psíquico, refere que ficam marcas que chamou de “traços mnêmicos” (*ibid.*, p. 588). Insistiu na necessidade de supor não um, mas vários desses elementos, nos quais a mesma excitação propagada experimenta uma fixação de índole diversa. Quando se referiu à importância do semelhante na constituição do aparelho psíquico da criança, retomou o que havia dito em 1895: a excitação que ressurgir da necessidade interna somente se modificará quando, por meio da ajuda alheia, surgir a experiência da vivência de satisfação. Em suas palavras,

Um componente essencial desta vivência é o aparecimento de uma certa percepção... cuja imagem mnêmica fica, a partir de então, associada à marca que deixou na memória a excitação produzida pela necessidade. Tão logo essa necessidade volta a se manifestar, ocorre, graças ao vínculo estabelecido, um impulso psíquico que procura investir novamente a imagem mnêmica da percepção e suscitar de novo a própria percepção, ou seja, reproduzir a situação da primeira satisfação. Um impulso desse tipo é o que chamamos desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o pleno investimento da percepção, a partir da excitação devida à necessidade, é o caminho mais curto para a realização do desejo (*ibid.*, p. 617-618).

Então, o que Freud nos diz até este momento de sua obra, é que a cria humana, frente a uma tensão de necessidade (aprêmio da vida), sem possibilidade de encontrar satisfação por si só, necessita que o semelhante opere uma ação específica para que cesse o estímulo endógeno. Essa experiência oferecida pelo outro humano se inscreve como vivência de satisfação e a procura de repetição dessa satisfação, quando surge o desprazer, constitui o desejo. Freud continua a enfatizar os aspectos que tinha começado a desenvolver nos textos de 1895-6, onde defende, com a teoria das inscrições, a origem exógena do aparelho da alma.

Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1901-1905/2016) se refere amplamente ao conceito de pulsão sexual e à libido como seu modo de expressão. Entende por pulsão a agência representante psíquica de uma fonte de estímulos intrassomática, em contínuo fluir, referindo que, no início, a satisfação da zona erógena se associa com a satisfação da necessidade de alimentar-se. O sexual se apoia primeiro em uma das funções que servem à conservação da vida, se independizando dela somente mais tarde (Freud, 1905/2016).

Rastreando as origens da pulsão sexual, até este momento do pensamento de Freud, temos que a excitação sexual: a) nasce como uma réplica de uma satisfação vivenciada em decorrência de outros processos orgânicos; b) por uma apropriada estimulação periférica de zonas erógenas e c) como expressão de algumas pulsões cuja origem ainda não compreendemos, por exemplo, a pulsão de ver e a pulsão de crueldade (*ibid.*).

A ideia de que o semelhante é fundamental no processo de sexualização da criança surge, neste texto, quando o autor refere que a relação da criança com a pessoa que a cuida é, para ela, “uma contínua fonte de excitação e de satisfação sexual a partir das zonas erógenas, ainda mais porque essa – geralmente a mãe – dedica-lhe sentimentos que brotam de sua própria vida

sexual: acaricia, beija e embala a criança, tomando-a como substituto de um objeto sexual completo” (*ibid.*, p. 144). O autor acrescenta que a pulsão sexual não é despertada somente pela excitação das zonas genitais, porque qualquer parte do corpo pode operar como uma zona erógena, afirmando também que é inevitável a sedução da criança em decorrência dos cuidados corporais que a mãe exerce. Porém, afirma que a mãe, provavelmente, se horrorizaria se soubesse que suas manifestações de ternura despertam a pulsão sexual de seu filho. Ela julga sua relação como um amor puro e assexual, evitando cuidadosamente despertar mais excitações nos genitais da criança do que aquelas indispensáveis para o cuidado do corpo dela (*ibid.*). Quando Freud refere que a ternura da mãe desperta a pulsão sexual do filho, marca a importância do semelhante na sexualização da criança, embora, como em artigos anteriores, não se estenda mais profundamente nesta suposição.

Em 1915, outra vez Freud (1915/2010a) faz uma exposição sistemática de sua teoria em uma série de artigos reunidos no que denominou “Ensaio de metapsicologia”. Em “Pulsões e destinos da pulsão” (Freud, 1915/2010b) discorre longamente sobre o conceito de pulsão, retomando algumas ideias referidas anteriormente. Afirma que a pulsão seria um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, enquanto representante psíquico dos estímulos que provém do interior do corpo e alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho que é imposta ao anímico em consequência de sua interferência com o corporal. Também salienta que as pulsões existem em grande quantidade, surgindo de múltiplas fontes orgânicas, atuando de início com independência umas das outras e, somente depois, se reunindo em uma síntese mais ou menos finalizada. Diante disso, discorre: “A meta que cada uma delas procura atingir é o *prazer de órgão* [...] apoiam-se inicialmente nos instintos de conservação, dos quais se desligam apenas aos poucos [...]” (*ibid.*, p. 63).

Outro ponto que Freud manteve por toda a obra foi a ação do recalçamento sobre a pulsão sexual. Os modos de defesa propostos por Freud no Projeto e na Carta 52 constituem uma tendência do psiquismo a investir o prazeroso para evitar o contato com a dor. No entanto, nesses dois modelos ainda não se configura um verdadeiro recalçamento, porque se trata de modelos de desinvestimento que eludem a recriação da marca do objeto de dor. Como nessa época ainda não tinha sido proposta uma tópica, não havia a possibilidade que se pensasse no conceito de contrainvestimento, sem o qual seria impossível falar de recalçamento. Era, portanto, apenas o modelo de uma defesa muito precoce.

É no artigo “O recalçamento” (Freud, 1915/2010c) que surge o conceito mais completo de recalçamento, em que Freud propõe que este mecanismo não está presente desde a origem. Primeiro é preciso que tenha se estabelecido uma separação nítida entre atividade consciente e atividade inconsciente da alma, e sua essência consiste em rechaçar algo da consciência, mantendo-o distante dela. Na Conferência 19 das “Conferências introdutórias à psicanálise” (1916/2014), Freud marca a estruturação do aparelho psíquico a partir da constituição do inconsciente, dizendo que todo processo anímico existe, inicialmente, em uma fase inconsciente – como uma fotografia, primeiro é um negativo e se converte em imagem pelo processo do revelado, que primeiro pertence ao sistema psíquico inconsciente e, depois, por vezes, passa ao processo consciente.

Voltando ao texto de 1915, Freud (1915/2010c) refere-se ao recalçamento originário, afirmando que existem razões para supor um recalçamento primordial, uma primeira fase do recalçamento, em que é denegada a admissão ao consciente da agência representante psíquica da pulsão. Assim se estabelece uma fixação e, a partir desse momento, a agência representada em questão persiste imutável e a pulsão segue ligada a ela. O recalçamento originário opera sobre o autoerotismo e somente após o sepultamento deste e a constituição das

barreiras entre os sistemas é que se faz possível o recalçamento secundário, que opera sobre os derivados do originariamente recalcado.

Também em 1915, Freud (1915/2010d) escreve o texto “O inconsciente”, ampliando as descobertas sobre o tema que tinha proposto desde “A interpretação dos sonhos”. Defende, neste trabalho, que o conceito de inconsciente é necessário e legítimo, pontuando que uma pulsão nunca pode passar a ser objeto da consciência; só a representação, que é seu representante, poderia sê-lo. Refere que um ato psíquico pode pertencer ao sistema inconsciente se foi recalcado (rechaçado por uma censura) ou pode pertencer a um sistema segundo: pré-consciente/consciente. Define, ainda, que os processos que pertencem ao sistema inconsciente têm como traços: ausência de contradição, processo primário, caráter atemporal e substituição da realidade exterior pela realidade psíquica. Os processos do sistema pré-consciente, por sua vez, são regidos pelo processo secundário. A esse sistema compete o ordenamento temporal das representações, a introdução da censura, o exame da realidade e o princípio da realidade. Afirma também que a memória consciente parece depender do pré-consciente e deve ser totalmente separada das marcas mnêmicas onde se fixam as vivências do inconsciente.

O autor, além de propor a representação como investimentos de marcas mnêmicas, diferencia uma representação consciente de uma inconsciente, ressaltando que elas não são diversas transcrições do mesmo conteúdo em lugares psíquicos diferentes, nem diversos estados funcionais de investimentos no mesmo lugar – a representação consciente abarca a representação-coisa mais a correspondente representação-palavra, e a inconsciente é só a representação-coisa. Portanto, “o sistema Ics contém os investimentos de coisas dos objetos, os primeiros investimentos objetivos propriamente ditos; o sistema Pcs surge quando essa representação coisa é sobreinvestida mediante a ligação com as representações verbais que lhe correspondem” (*ibid.*, p. 147).

Além disso, Freud afirma que o recalçamento atua sobre as representações na fronteira dos sistemas inconsciente e pré-consciente/consciente, e que o processo de subtração da libido não é suficiente para manter o recalçamento, necessitando de um processo de contrainvestimento pelo qual o sistema pré-consciente se protege contra o assédio da representação inconsciente. O inconsciente em sentido tópico – um dos sistemas da primeira teoria do aparelho psíquico, onde estão recalcados os conteúdos que tiveram seu acesso recusado ao sistema pré-consciente pelo recalçamento originário e secundário – é abandonado quando Freud propõe a segunda tópica do aparelho psíquico, em 1920-1923. O termo ‘inconsciente’ é utilizado basicamente no sentido qualitativo e a denominação ‘Id’ é introduzida para ocupar um lugar que apresenta algumas equivalências com o sistema inconsciente proposto na primeira tópica. Na Conferência 31 das “Novas conferências introdutórias sobre psicanálise”, Freud afirma: “[...] não usaremos mais o termo ‘inconsciente’ no sentido sistemático e daremos àquilo que até agora temos assim descrito um nome melhor, um nome que não seja mais passível de equívocos [...] de agora em diante o chamaremos de ‘id’” (Freud, 1933/1976, p. 92).

Freud (*ibid.*) atribuiu ao id muitas das propriedades que definiam o inconsciente, referindo que nessa instância só existe o afã de procurar satisfação das necessidades pulsionais, visando o princípio do prazer. As leis lógicas do pensamento, sobretudo o princípio de contradição, não regem os processos do id – onde nada se equipara à negação, onde não se encontra nada que corresponda à representação do tempo e onde não se conhecem valores, nem moral alguma (*ibid.*).

No entanto, existem algumas diferenças importantes entre os dois conceitos. De acordo com Laplanche e Pontalis (2022), no *Vocabulário de psicanálise*, enquanto o inconsciente da primeira tópica coincide com o recalcado, na segunda tópica, Freud propõe que a instância recalcante, o Eu e suas

operações defensivas, em sua grande maioria, são inconscientes e, assim, o id toma a seu encargo os mesmos conteúdos que antes o inconsciente se ocupava, embora não se encarregue do conjunto do psiquismo inconsciente. Assim, os autores salientam que “a instância contra a qual se exerce a defesa já não é mais definida como polo inconsciente, mas como polo pulsional da personalidade” (*ibid.*, p. 220).

No que diz respeito à relação entre o Eu e o id, enquanto no modelo estrutural o Eu se diferenciava claramente do inconsciente, em “O eu e o id” (1923/1976), Freud afirma que “O Eu não está totalmente separado do id, sua parte interior funde-se com ele. Também o recalcado se funde com o id, [...] e só se destaca nitidamente do Eu pelas resistências do recalçamento, podendo se comunicar com o Eu através do id” (p. 38). Desta forma, o Eu seria a parte do id alterada pela influência direta do mundo exterior, com mediação do pré-consciente. Por esta razão, os autores do *Vocabulário de psicanálise* afirmam que os limites entre o id e o Eu são menos claros que aqueles que definiam a diferença entre inconsciente e pré-consciente. Por outro lado, pontuam que a diferença entre o id e o substrato biológico da pulsão é menos clara que a relação que existe entre o inconsciente e a fonte da pulsão, concluindo que, na segunda tópica, “A ideia de uma ‘inscrição’ da pulsão, que vinha confirmar-se na noção de ‘representante’, embora não seja totalmente rejeitada, também não é reafirmada” (Laplanche; Pontalis, 2022, p. 220).

Os autores também dizem que “a diferença das perspectivas genéticas é o que melhor permite compreender a passagem do inconsciente da primeira tópica para o id da segunda tópica” (*ibid.*, p. 221). Na primeira tópica, a constituição do inconsciente estava diretamente relacionada ao recalçamento, entendido em sua dimensão simultaneamente histórica e mítica como responsável por instaurar uma divisão radical do psiquismo, entre os sistemas inconsciente e o pré-consciente/consciente. Essa lógica se modifica com a introdução da segunda tópica, perdendo sua característica mais fundamental. Em vez de uma

separação inaugural entre as instâncias, Freud passa a conceber sua constituição a partir de um processo gradual de diferenciação. Há, assim, uma linha de continuidade que parte das necessidades biológicas, passa pela constituição do id e, a partir dele, conduz à formação do Eu e do supereu. É neste sentido que a nova concepção freudiana do aparelho psíquico se torna mais suscetível, em comparação à primeira, a leituras de caráter biologizante ou naturalizante.

Dezesseis anos depois de “O Eu e o Id”, no final de sua vida, Freud discute a questão da constituição do aparelho psíquico no trabalho “Moisés e a religião monoteísta” (1938/1975), enfatizando outra vez a importância das experiências infantis precoces. A respeito disso, sustenta que “a gênese de uma neurose invariavelmente remonta a uma ou mais impressões muito primitivas da infância [...], que escaparam de serem tramitadas normalmente, de maneira que se fica inclinado a julgar que, se não tivessem ocorrido, tampouco a neurose teria surgido” (*ibid.*, p. 91). Nesse trabalho, o autor também salienta que, a partir da análise de pessoas individuais, constatamos que suas impressões muito precoces, recebidas em uma época em que a criança era somente capaz de linguagem, em algum momento produzem efeitos de caráter compulsivo, sem que se tenha delas uma lembrança consciente. Assim, compreende que, para que uma ideia possua caráter compulsivo, é preciso que seja acreditada: “Até o ponto em que é deformada, ela pode ser descrita como um *delírio*; na medida em que traz o retorno do passado, deve ser chamada de *verdade*” (*ibid.*, p. 154). O delírio psiquiátrico também contém um grão de verdade, e o convencimento do paciente transborda desde essa verdade até sua envoltura delirante.

Comentários de Silvia Bleichmar a respeito de Freud em “Moisés e a religião monoteísta”

A respeito destas citações freudianas, Silvia Bleichmar (1994, p. 77-78) diz:

Vemos reaparecer, em um texto tão tardio (1938), ideias precocemente concebidas em sua obra: a verdade de um sujeito remete a um histórico vivencial inscrito enquanto marca mnêmica, recapturada por desfiguração, por transcrição, ao longo do tempo e nos diversos sistemas psíquicos que se estruturam em épocas sucessivas da vida. Teoria da memória, como ressignificação, *après-coup*, retorno e desfiguração do originário. [...] a memória como função, como operação psíquica, não é patrimônio do inconsciente. Memória e marca mnêmica se enlaçam a partir dos sistemas que se contrapõem em conflito e comércio, sendo a primeira uma recuperação da segunda a partir de retranscrições que operam do lado do sujeito. [...] É do lado do sistema pré-consciente/consciente de onde virá o resgate de memória da lembrança, inscrito não como tal, não como totalidade, senão como resto desprendido do real-vivenciado. Posição claramente explicitada no texto “O inconsciente”, onde vemos definidas estas questões: um inconsciente sistêmico, regido pelo processo primário, habitado por representações e constelações fantasmáticas, que não possuem grau de certeza, nem de dúvida., incapaz de distinguir o verdadeiro do falso, regido pelo realismo intransigente das representações que o constituem, incapaz de o memorizar – sendo, ao mesmo tempo, o suporte material da memória.

De acordo com o que afirma Bleichmar (*ibid.*), neste texto, fica claro que a importância do histórico vivencial nunca foi abandonada por Freud. Se é verdade que desde 1905 surge o tema da origem biológica da pulsão – que deixa aberto o caminho para a proposta filogenética na obra freudiana, presente com muita força neste mesmo texto –, também é verdade que Freud foi suficientemente explícito no que diz respeito à importância das vivências infantis na constituição do psiquismo.

Retomando questões hermenêuticas, sabemos que não é possível a compreensão do passado – uma interpretação histórica – sem a referência do presente. Não existem interpretações sem pressupostos e prejuízos, porque estes, justamente, constituem a realidade histórica de seu intérprete e vêm da tradição do passado. Segundo Maceiras e Trebolle (1990, p. 62-63),

[...] o passado permanece ativo no presente e a tradição é o meio vital de onde recebemos estímulos e conceitos, que alimentam a existência e tornam possível a compreensão. (...) toda compreensão histórica parte de uma pré-compreensão e termina em uma aplicação, ambas partes de um processo hermenêutico de compreensão.

Minha pergunta ao texto freudiano nasce no tempo presente, tempo diferente em relação à situação do texto a ser compreendido, o que pressupõe ideias pré-concebidas que determinam a alteridade do presente frente ao passado. A partir de uma consciência histórica, deve ser tentada uma compreensão do passado e não um julgamento baseado nos prejuízos do presente. No entanto, o simples transplantar-se ao passado, ao horizonte do passado, não é suficiente para uma verdadeira compreensão. É necessário que o intérprete possa entender e entender-se com e em tradição, e não somente entender a situação “outra” da tradição, sem deixar-se interpelar pela tradição e pela “outreidade” inerente a ela (Gadamer, 1993).²

Para Gadamer, o consagrado pela tradição e pelo passado possui uma autoridade que se fez anônima. Que a tradição sempre é também um momento da liberdade e da história, e que é essencialmente conservação e, como tal, nunca deixa de estar presente nas mudanças históricas. O autor sustenta que

2 GADAMER, Hans-Georg. *Verdad y método I*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1993.

A investigação espiritual-científica não pode pensar-se a si mesma em oposição absoluta ao modo como nos comportamos em relação ao passado em nossa qualidade de viventes históricos. Em nosso comportamento em relação ao passado, que estamos constantemente confirmando, a atitude real não é a distância nem a liberdade em relação ao transmitido. Pelo contrário, nos encontramos sempre em tradições, e esse nosso estar dentro delas não é um comportamento objetivador que pensaria como estranho ou alheio o que diz a tradição... (*ibid.*, p. 350).

Freud e o inconsciente. As vicissitudes de uma descoberta

O modo como Freud se situou em relação à origem do inconsciente gerou certas dificuldades na interpretação de seu pensamento. Muitas escolas psicanalíticas, como já referi antes, se outorgaram uma fidelidade à “verdade freudiana”, sem considerar que não existe uma só verdade em sua obra. Em geral, esta posição é consequência de uma leitura que somente privilegia alguns trabalhos, ou que entende “a verdade” desde uma cronologia temporal, que atinge seu ponto de máxima sabedoria nos últimos textos da obra.

Desde a distância no tempo que nos separa dos escritos freudianos, como podemos compreender o que determinou seu modo de se posicionar em relação à origem do inconsciente? Suas oscilações a respeito do tema são evidentes. Freud partiu de uma posição em que parecia pensar em uma origem exógena do inconsciente, deixando marcada a importância do semelhante nessa constituição, mesmo que essa posição não tenha sido claramente explicitada, nem profundamente enlaçada às suas outras descobertas da época e, portanto, não se oferecendo como um conceito definitivamente estabelecido em seu pensamento. Depois, cada vez mais, o

autor marcou o papel do biológico e da herança filogenética na estruturação do psíquico. No entanto, não deixou de ressaltar em alguns momentos de sua obra a importância do outro na sexualização da criança, enfatizando também o papel do histórico-vivencial – o que ficou evidente, inclusive, em um de seus últimos trabalhos publicados.

Certos fatos da realidade da vida de Freud podem ser significativos para tentar compreender a evolução de seus desenvolvimentos teóricos. Entre eles, sua formação médica, fato que deve ter determinado seu compromisso com a biologia ou, quem sabe, seu temor de acreditar na psicanálise, algo muito novo, frente às certezas propostas pela medicina da época. Em muitas oportunidades, diante de dúvidas que sofria frente a suas descobertas teóricas ou dos impasses advindos da clínica psicanalítica afirmava que um dia, quem sabe, teria respostas médicas para a compreensão de alguns aspectos da psicopatologia mental.

Ademais, entre outras questões relacionadas com ambiguidades e desvios do pensamento teórico de Freud, temos sua tentativa de elaborar a Teoria da Sedução. Entre 1893 e 1897, Freud iniciou estudos em que estabelecia uma relação entre uma realidade efetiva, que seria a sedução, com uma hipótese que objetivava explicar a dinâmica e a psicopatologia de suas pacientes histéricas, portadoras de inconsciente e de sexualidade. Partia do princípio de que toda paciente histérica tinha um pai perverso, tendo sido abusada por ele. Depois de algumas tentativas que não comprovaram suas teses, em 1897, abandonou esse trabalho de investigação, definindo uma alteração de sentido em seus estudos e, como consequência, surgiram duas novas hipóteses: de um lado, a ênfase na importância das fantasias que acabaram ocupando o espaço da sedução, desencadeando um movimento que o levou, um tempo depois, ao tema da herança filogenética e das fantasias originárias. Por outro lado, a busca de uma resposta mais objetiva para o fenômeno psíquico, indo ao encontro da hipótese de uma origem mais

biológica da pulsão. Em trabalhos posteriores, a sedução perdeu o sentido dado a ela inicialmente e ficou relacionada aos cuidados corporais que a mãe oferece a seu filho ou a um comportamento especificamente perverso dos pais em relação com o corpo da criança. O tema do abuso/sedução não foi abandonado por Freud, mas nunca mais foi incluído no conjunto teórico de suas propostas relacionadas com a constituição do aparelho psíquico, mantendo a ênfase no biologismo da pulsão e na filogenética da fantasia.

Quem se encarregou de retomar esta perspectiva teórica e retrabalhá-la foi Jean Laplanche (1988), quando propôs sua Teoria da Sedução Generalizada. Nesta, partiu do princípio de que a cena originária da relação sexual dos adultos, uma das protofantasias freudianas, se constituía não como uma fantasia originária, mas como uma verdadeira sedução que, se enfrentada como uma situação de sedução “real”, equivaleria a uma reatualização de algo já vivido.

Considerações finais

Disse antes que o sentido determinado deste trabalho era enfrentar o tema da origem do inconsciente com aquilo projetado em alguns dos mais importantes textos freudianos que tratam a questão. A motivação que me movia na tarefa era confirmar se verdadeiramente existia a possibilidade de tomar uma vertente dos escritos de Freud que permitisse sustentar a ideia de que o inconsciente não está dado desde o princípio da vida e que o semelhante possibilita a constituição do aparelho psíquico.

Desde a compreensão dos textos chego, a partir de uma vertente da obra, à seguinte interpretação: embora a hipótese freudiana de delegação do somático ao psíquico retire um tanto da força do semelhante no processo de sexualização da cria humana – a hipótese de Freud seria que a pulsão não vem do semelhante, desprende-se do somático –, penso que também está em Freud

a ideia de que a construção das representações e a constituição do inconsciente não ocorreria sem a presença do outro humano. A materialidade de base do inconsciente não pode estar determinada pelo biológico, pelo filogenético, quando se pensa que a origem e o destino das primeiras inscrições vêm do semelhante. No processo de constituição do inconsciente, o recalçamento originário se funda a partir de elementos inscritos previamente. Ao não poder entender a estruturação do aparelho psíquico sem o conceito de recalçamento originário, fundante do inconsciente e da divisão tópica, e ao valorizar como fundamental a importância do semelhante e a questão do histórico-vivencial – seguindo isso em um certo Freud –, rechaço a ideia da filogênese, de um id em termos de sua origem filogenética, de uma origem endógena do aparelho da alma. E o fato de tomar essa vertente freudiana não se atém a questões que remetem a uma escolha que seja efeito de um simples exercício intelectual, mas como consequência de construções e ligações teóricas que obtive até este momento, corroboradas por observações que provêm da prática psicanalítica e que implicam consequências fundamentais na cura, principalmente, no que diz respeito à clínica de patologias não neuróticas.

***Post scriptum.* Do inconsciente de Freud ao primado do outro em Jean Laplanche 30 anos depois**

Quando conclui minha escrita do artigo original, publicado acima, justifiquei, nas “Considerações finais”, minha opção por uma determinada vertente freudiana, porque encontrei “nesse” Freud pontos de vista que claramente mostravam uma origem exógena do inconsciente, com a qual me identificava, mesmo que Freud tenha abandonado parcialmente algumas das razões que justificavam a mesma a partir de 1897.

As ideias que mais me faziam sentido desde sempre tinham relação, primeiro, com a importância fundamental do adulto na constituição do

psiquismo da criança, portanto, rechaçando o endogenismo, a filogenética e as fórmulas que me pareciam atravessadas por explicações um tanto mágicas que não me permitiam encontrar a realidade do inconsciente, o nexo entre o sintoma e a intersubjetividade, nem a bruxa, a metapsicologia da psicanálise. Em segundo lugar, mas não menos importante, surgia a insatisfação por não encontrar uma forma de chegar à gênese das neuroses e das não neuroses a partir de uma mesma metapsicologia, fato que me causava muitas dificuldades, não só na compreensão da clínica, como em minha função docente nas disciplinas de Psicopatologia e Psicologia Clínica na faculdade de Psicologia PUCRS.

Não tenho certeza em relação à data exata que escrevi o artigo apresentado aqui hoje, talvez pelos idos de 1990 mas, certamente, passaram-se mais de 30 anos entre aquele texto e outro texto de minha autoria, escrito em 2023, em que eu também abordava o tema do inconsciente (Behr, 2024). Foi, sem dúvida, o estudo aprofundado do pensamento de Jean Laplanche, com a inclusão de muitas ideias de Silvia Bleichmar, que me propiciaram a possibilidade de ampliar meu conhecimento no tempo entre os dois artigos, além de confirmar minhas primeiras hipóteses teóricas, determinando uma maior compreensão das manifestações clínicas e de seu manejo na situação analítica.

Em 1990 eu só conhecia o básico da obra de Jean Laplanche, tanto que, nas referências bibliográficas do primeiro artigo, ao lado de uma revisão do tema do inconsciente na obra de Freud, a referência ao autor francês aparece restrita ao seu conhecido *Vocabulário da Psicanálise*, em coautoria com Pontalis. Já o trabalho de 2023, foi a busca da compreensão efetiva do tema ‘o primado do outro’, um dos pontos centrais da obra de Laplanche, acompanhando este autor em seu importante artigo “*La revolución copernicana inacabada*” (1992/1996), quando, entre outros assuntos, ele explicita as razões que determinaram não só o desvio freudiano, quando Freud abandonou sua teoria da sedução em favor da fantasia, tomando o

rumo da filogenética, assim como as consequências advindas daí, que se tornaram de certa forma um impedimento para que Freud chegasse mais longe no tema do inconsciente.

Reverendo seu percurso, rastreado por Laplanche, e tendo acompanhado as descobertas deste sobre a importância do outro na reabertura dos tempos originários, ou seja, na constituição do inconsciente, pareço ter encontrado hoje um modo de preencher lacunas e alcançar respostas para entender, com a complexidade necessária, os interrogantes um tanto superficiais, quem sabe um tanto racionais e intuitivos dos meus inícios como psicanalista.

Não querendo me alongar neste adendo, retiro do texto de 2023, algumas respostas frente ao percurso realizado por Laplanche que, em parte, lhe permitiram complementar algumas propostas freudianas e, em outras vezes, desembocaram na descoberta de outros espaços, de novas respostas e tantas perguntas, antes não conhecidas na psicanálise. Vejamos.

O cenário inicial proposto por Laplanche em seu artigo de 1992, se deteve na relação de dois descentramentos. De um lado, na astronomia, o debate girava em relação à geografia dos céus: seria a Terra o centro do universo ou a aposta mais certa viria na proposição da ausência de um centro? De outro lado, o descentramento radical da psicanálise advindo pela descoberta do inconsciente por Freud - de algo que está em nós, mas que também é estrangeiro a nós, estudo interrompido pela forte decepção de Freud, em razão de sua dificuldade em confirmar sua tese, que redundou no abandono de sua teoria da sedução e no desvio de seu olhar para a fantasia.

Jean Laplanche tomou, então, o conceito freudiano de inconsciente, na formulação exógena, constituído por traços mnêmicos e regido pelo processo primário, dando ao conceito, junto com Pontalis, a característica de um realismo ao inconsciente. Além disso, relacionou a sedução à realidade

da mensagem enigmática, definindo-a como uma terceira realidade, caracterizada por um descentramento originário de domínio sexual. Enigma e sedução, então, o efeito refletido no *infans* por levar a marca irredutível da alteridade do inconsciente sexual do adulto (Behr, 2024).

Como é possível perceber nos textos freudianos e no referido artigo de Jean Laplanche (1992), Freud manteve posições alternadas entre Copérnico e Ptolomeu, ora refletindo sobre a estrangeiridade do inconsciente, ora parecendo ser-lhe impossível sustentar essa posição. Possivelmente, porque o estrangeiro ao qual se referia não incluía um outro que viesse de fora. Encontrava esse outro dentro do sujeito humano desde sempre. Em seu arcabouço teórico faltava a teoria da sedução, abandonada por ele, sem ter se dado conta da íntima relação entre a sedução e a constituição do inconsciente (*ibid.*, p. 61). Nesse abandono, não havia percebido que, além da sedução real, havia uma sedução fundante e generalizada que daria origem ao sexual infantil e à constituição do psiquismo (*ibid.*, p. 66).

Freud não levou em conta o que veio do outro, porque esse estranho efetivamente não morava dentro dele desde sempre. Inquietante estrangeiro, por ter origem em um inconsciente descoberto pelo próprio Freud, é verdade, embora este não tenha incluído em sua descoberta um outro que veio de fora e que aportou alguma coisa que também é estrangeira a ele próprio, um outro que, por sua vez, também não tem conhecimento do que se passa dentro dele (*ibid.*, p. 63-64). Freud reconheceu o inconsciente como estrangeiro em nós, mas não identificou que esse estrangeiro vem de um outro, externo, e não das entranhas do psiquismo.

Desta forma, foi impossível para Freud compreender que entre a passividade da criança e o outro que implanta nela elementos de sua sexualidade recalcada surge, exatamente, a partir daí, por parte da criança, uma busca de traduzir, ativa e interminável, pela vida a fora. Na medida que

tenta dominar essas mensagens enigmáticas recebidas do outro, em uma tentativa para sempre de traduzir os enigmas que lhe são enviados, o sujeito constitui seu psiquismo.

Este recorrido permite constatar que a falta desses elementos que foram sendo descobertos nos tempos posteriores a Freud e que os encaixes que foram sendo criados para corrigir os desvios do mestre - tão ocupado estava ele com a complexidade do que construía -, é que nos fizeram perceber algumas lacunas, ainda, não preenchidas nos nossos primeiros tempos como aprendizes da psicanálise.

Bibliografia

Behr, K. M. B. O primado do outro em psicanálise: a respeito de “A revolução copernicana inacabada” (1992), de Jean Laplanche. *Constructo*, Porto Alegre, n. 10, 2024.

Bleichmar, S. *A fundação do inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito*. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

Bleichmar, S. Prólogo a la edición castellana. In: Laplanche, J. *El inconciente y el ello: Problemáticas IV*. Tradução de Silvia Bleichmar. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1987. p. 16.

Gadamer, H.-G. *Verdad y método I*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1993.

Gadamer, H.-G. *Verdad y método II*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1992.

Maceiras, M. F.; Trebolle, J. *La hermenéutica contemporánea*. Colombia: Editorial Cincel, 1990.

Freud, S. (1895) Projeto de uma psicologia. In: Freud, S. *Obras completas: textos pré-psicanalíticos (1886-1896)*. Tradução de Paulo César de Souza e André Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2025. p. 217-340.

Freud, S. (1900) *A interpretação dos sonhos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. v. 4.

Freud, S. (1901-1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v. 6.

Freud, S. (1915) Ensaio de metapsicologia. In: Freud, S. *Obras completas: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

Freud, S. (1915) Os instintos e seus destinos. In: Freud, S. *Obras completas: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

Freud, S. (1915) A repressão. In: Freud, S. *Obras completas: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c.

Freud, S. (1915) O inconsciente. In: Freud, S. *Obras completas: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d.

Freud, S. (1917) Resistência e repressão. In: Freud, S. Sigmund. *Obras completas: Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)*. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 381-400.

Freud, S. (1933) A dissecação da personalidade psíquica. In: Freud, S. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 75-102.

Freud, S. (1923) *O ego e o id e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, S. (1938) *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Freud, S. Carta 52. In: Freud, S. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1899)*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 317-324.

Laplanche, J. (1992) La revolución copernicana inacabada. In: Laplanche, J. *La prioridade del otro en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1996.

Laplanche, J. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Tradução de Doris Vasconcellos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

Laplanche, J.; Pontalis, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2022.

Strachey, J. Introdução do Editor Inglês. In: Freud, S. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1899)*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 381-393. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud)

Kenia Maria Ballvé Behr

Av. Taquara, 386/1003

Petrópolis, Porto Alegre – RS

ballvebehr@gmail.com

© Constructo Revista de Psicanálise